

CIES e-WORKING PAPER N.º 64/2009

**O lugar do género, dos homens e das mulheres
na sociologia portuguesa:
uma análise a partir da Associação Portuguesa de Sociologia
e seus congressos**

ELISABETE RODRIGUES

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Elisabete Rodrigues é doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE; bolsista de doutoramento pela FCT e investigadora no CIES-ISCTE.
E-mail: elisabete.rodrigues@iscte.pt

Resumo

O *e-working paper* que se apresenta insere-se no campo analítico da sociologia da ciência, e tem como objetivos, por um lado, compreender como o género se constitui, ou não, como um elemento estruturante na distribuição dos actores pelo campo disciplinar e, por outro lado, explorar as configurações que a sociologia do género tem assumido na produção científica nacional. Os Congressos Portugueses de Sociologia (1988 a 2008), e a Associação Portuguesa de Sociologia constituíram o material empírico que possibilitou o exercício.

Palavras-chave: sociologia da ciência, género, desigualdades de género.

Abstract

This e-working paper integrates the realm of sociology of science, and aimed, on one hand, to understand how gender is a structural element in the distribution of actors within the disciplinary field and, on the other hand, to explore the configurations of sociology of gender in the scientific production. Therefore, the analysis is produced from two privileged empirical objects: the Portuguese Congress of Sociology (1988 to 2008) and the Portuguese Association of Sociology.

Key-words: sociology of science, gender, gender inequalities.

I. Introdução

O surgimento do conceito de género, a nível internacional e nas mais diversas ciências sociais, está associado aos movimentos feministas que questionavam o essencialismo das categorias homem e mulher. Particularmente na sociologia encontram-se, na década de 70 do séc. XX, os primeiros ecos de trabalhos científicos que exploram o potencial analítico do conceito (Vale de Almeida, 2000; Amâncio, 2003). Em Portugal o percurso da sociologia do género é mais recente, o que estará certamente relacionado com: a) o tardio desenvolvimento e consolidação da própria disciplina; b) a pouca visibilidade do movimento feminista da década de 70; e ainda c) o baixo nível de escolaridade da população em geral e das mulheres em particular (Amâncio, 2003). A este contexto, já desfavorável, acresça-se a fraca representação das mulheres entre os actores que marcaram a emergência e institucionalização da disciplina (Sedas Nunes, 1988). De qualquer forma, no quadro científico nacional, o surgimento da sociologia do género está igualmente associado ao reconhecimento e contestação social da desigualdade de direitos entre homens e mulheres, o que terá implicações nas configurações que o campo de estudos vai assumir. Refira-se, a título ilustrativo, a longa ausência das masculinidades enquanto objecto de estudo. A nível internacional, o panorama é diferente e, especialmente, nos últimos anos tem-se assistido a importantes avanços conceptuais no estudo da identidade de género masculina, no sentido da rejeição de uma concepção essencialista e universal da masculinidade. Assume-se que no sistema patriarcal não existem apenas dinâmicas de poder e relações sociais assimétricas entre homens e mulheres, mas que estas ocorrem também entre os próprios homens, sendo pertinente falar numa “masculinidade hegemónica” (Connell, 1995), tida como “ideal normativo dominante” (Andreu, 2003), que serve para medir, classificar e qualificar distintas masculinidades.

Objectivos e notas metodológicas

Tomando a própria sociologia como objecto de estudo, a reflexão que se apresenta tem como objectivos, por um lado, compreender como o género se constitui, ou não, como um elemento estruturante na distribuição dos actores pelo campo

disciplinar e, por outro lado, explorar as configurações que a sociologia do género tem assumido na produção científica nacional. Para o efeito, a análise produziu-se a partir de dois objectos empíricos privilegiados: a) os Congressos Portugueses de Sociologia (1988 a 2008), espaço privilegiado de divulgação de trabalhos científicos e promoção dos seus produtores; b) a Associação Portuguesa de Sociologia, instituição nacional que congrega o maior número associados estudantes e profissionais de sociologia, e entidade responsável pela concretização dos referidos congressos, entre outras iniciativas de grande projecção.

O primeiro objectivo remete para a diversidade de papéis que os homens e as mulheres têm assumido, quer na concretização dos congressos, quer na estrutura organizacional da Associação Portuguesa de Sociologia. Incidir-se-á na análise de indicadores como o sexo dos autores das comunicações, o sexo dos sócios e membros dos diferentes órgãos da Associação Portuguesa de Sociologia¹ e, ainda, dos Conselhos de Programa que contribuíram para a realização de cada congresso.² O segundo objectivo remete directamente para uma reflexão – diacrónica – acerca dos objectos alvo de estudo da sociologia do género, e para o despiste dos factores que concorrem para as configurações encontradas. A evolução das temáticas será aqui captada através das problemáticas exploradas nas comunicações dedicadas, de forma mais ou menos directa, à sociologia do género, e que têm integrado os painéis ao longo dos diferentes congressos. À medida que se vão apresentando os vários congressos, surgirão naturalmente associados às comunicações em torno das questões de género os nomes dos/as protagonistas deste campo de estudos. Neste seguimento, aproveitar-se-á para, embora de forma sumária, fazer referência ao trabalho que alguns destes profissionais têm desenvolvido ao longo das suas carreiras.

A articulação destes dois objectivos permite equacionar a produção científica como uma produção social, com coordenadas espaço-temporais bem definidas, mesmo quando se fala de uma ciência reflexiva por excelência como a sociologia. Neste

¹ Por órgãos da APS entenda-se: Direcção, Mesa da Assembleia Geral, Conselho Fiscal, Conselho de Deontologia e Conselho Consultivo.

² O Conselho de Programa de cada congresso é constituído pelos membros do Conselho Consultivo da APS, os presidentes dos restantes órgãos e, eventualmente, algumas personalidades marcantes da sociologia nacional. As suas funções relacionam-se com a escolha do tema do congresso, o apoio na definição do local em que este evento se realizará e, ainda, a definição dos painéis temáticos que integrarão o seu programa.

exercício em particular, fala-se de um subcampo de estudos que opera a desnaturalização das diferenças (por vezes tornadas desigualdades) atribuídas aos sexos. No entanto, como veremos, apesar deste processo de desconstrução do social este subcampo não deixa de estar susceptível aos constrangimentos estruturais que permeiam as mais diversas práticas sociais.

A validez do exercício passa pela concepção dos Congressos de Sociologia “como etapa e como importante memória colectiva no caminho que a comunidade profissional percorre” (Almeida, 1990: 15). Assim equacionado, este tipo de evento pode ser constituído como objecto empírico privilegiado quando se pretende acompanhar a história da disciplina ou de um campo de estudo em particular, como é o caso da sociologia do género. Os programas dos congressos (seus conteúdos e protagonistas) funcionam como ilustrações da produção científica nacional, uma vez que muitas das comunicações que os constituem estão associadas ou a projectos de investigação individuais, como teses de mestrado ou doutoramento, ou a projectos mais amplos que envolvem vários investigadores e, por vezes, várias universidades e/ou centros de investigação.

II. Papéis diferenciados para homens e mulheres: associativismo e visibilidade pública

Foram realizados, até 2008, seis Congressos Portugueses de Sociologia, promovidos pela Associação Portuguesa de Sociologia (APS).³ O I Congresso Português de Sociologia (1988) surge numa fase de “consolidação” da disciplina, possível com a revolução de 25 de Abril, à qual se sucedem a publicação de revistas científicas, a tradução de algumas obras de base, multiplicam-se os encontros disciplinares, criam-se as licenciaturas e nascem alguns centros de investigação acoplados às universidades (Pinto, 2004: 17). Como referiu João Ferreira de Almeida, então presidente da APS, no discurso de abertura do I Congresso: “temos hoje institucionalizado, com efeito, o ensino de graduação e pós-graduação, com diversas escolas preparando licenciados, mestres e doutores, conferindo competências especializadas no campo sociológico. Temos institutos e centros de pesquisa, por vezes de prática pluridisciplinar, cujos produtos vão ganhando reconhecimento e aceitação, e não apenas no plano nacional” (1990: 15).

O I Congresso data de 1988 e desde então, com uma regularidade quadrienal, este evento tem-se repetido sistematicamente, permitindo ilustrar, quer quantitativamente quer qualitativamente, o desenvolvimento da disciplina e suas configurações. Este encontro nacional permite, assim, dar conta das principais linhas temáticas de investigação em desenvolvimento no país, bem como dos seus protagonistas.

Dados relativos ao número de comunicações, respectivos autores e número de participantes envolvidos em cada congresso (quadro 1) testemunham o exponencial e consistente crescimento da disciplina no nosso país. Se o número de participantes duplicou, o número de comunicações entre o primeiro e o último congresso quase que octuplicou, evidenciando o aumento de profissionais com formação em sociologia, o desenvolvimento do campo ao nível da investigação e a diversificação dos objectos e temas de pesquisa. A confirmá-lo registre-se o desdobramento do número de painéis temáticos, de 7 no I Congresso, para 22 no V, ou 21 no VI Congresso.

³ A Associação Portuguesa de Sociologia foi constituída em 1985 e conta em 2008 com mais de 2000 sócios. Fonte: APS, em: <http://www.aps.pt/?area=001&marea=001&sarea=001> (19/01/2008).

Quadro 1. Número de participantes, comunicações⁴ e respectivos autores/co-autores por congresso

Congresso	Participantes	Comunicações	Autores/ co-autores⁵
I (1988)	600	73	85
II (1992)	766	129	138
III (1996)	799	202	246
IV (2000)	1060	224	242
V (2004)	1234	392	457
VI (2008)	1188	576	847

Fonte: APS

Atendendo à autoria das comunicações e tendo em conta o sexo dos intervenientes, podemos verificar que as mulheres representam no último congresso (62,6%) e desde 1996 (55,3%) a maior parte dos profissionais envolvidos na concretização do evento (quadro 2). Estes valores encontram eco na proporção de sócios da APS, entidade responsável pela organização do evento, onde a superioridade numérica das mulheres é evidente e constante desde 1992 (56% em 1992 e 68% em 2004). Saliente-se, no entanto, que as actividades que remetem directamente para a promoção e visibilidade pública dos profissionais de sociologia, como a apresentação de comunicações, parecem encerrar mais resistência ao protagonismo feminino do que o associativismo. A confirmá-lo, repare-se que a sobrerrepresentação das mulheres entre os associados apenas se reflectirá nas comunicações quatro anos mais tarde, ficando esta última proporção sistematicamente aquém da encontrada entre os sócios da APS.

⁴ Contabilizaram-se as comunicações que constituíam os painéis temáticos e excluíram-se da análise as sessões plenárias.

⁵ Contabilizaram-se todos os autores (ou co-autores) das comunicações apresentadas, repetindo-se cada indivíduo sempre que associado a mais que uma comunicação.

Quadro 2. Número de sócios da APS, comunicações, respectivos autores/co-autores e composição do Conselho de Programa, por congresso e sexo ⁶

Congresso	Sócios APS ⁷		Comunicações		Conselho de Programa	
	n	Mulheres (%)	n	Mulheres (%)	n	Mulheres (%)
I (1988)	197	44	73	43,5	16	6,3
II (1992)	505	56	129	42,0	27	26,9
III (1996)	916	63	202	55,3	21	19,0
IV (2000)	1660	67	224	63,6	23	26,1
V (2004)	1966	68	392	64,8	30	30,0
VI (2008)	–	–	576	62,6	36	25,0

Fonte: APS

Se atendermos à constituição dos órgãos da APS e, especialmente, dos Conselhos de Programa, as regularidades anteriormente assinaladas não têm paralelo, invertendo-se inclusive o seu sentido. Até à actualidade a APS já foi presidida por seis sociólogos, contando-se entre eles duas mulheres (quadro 3). Se analisarmos a constituição dos órgãos da associação, verificamos que a proporção de mulheres é invariavelmente inferior à dos homens (36% em 2006-2008), o que, face ao total de sócios do sexo feminino (68% em 2004), ou oradoras das comunicações (62,6% em 2008), representa um grave défice de representatividade ao nível dos cargos que implicam a gestão e tomadas de decisão na APS. Relativamente à composição do Conselho de Programa (quadro 2), o desfasamento entre homens e mulheres é ainda maior. Apesar do ligeiro, embora não linear, aumento da participação de mulheres neste

⁶ Os dados relativos ao número de autores e comunicações dos I, II e III Congressos têm como base o trabalho de Cristina Lobo (1996); os restantes dados resultam da consulta das respectivas actas disponíveis *online* no *site* da APS (a excepção refere-se aos dados relativos ao VI Congresso, obtidos na publicação disponibilizada pela APS aos participantes do respectivo evento). Os dados acerca da constituição dos Conselhos de Programa e número de participantes por congresso foram disponibilizados pela APS.

⁷ Registou-se o número de sócios à data da realização dos respectivos congressos. Fonte: APS, em: <http://www.aps.pt/?area=001&marea=001&sarea=004> (19/01/2007).

conselho, essa proporção (25% em 2008) continua claramente diminuta face ao seu contributo enquanto autoras das comunicações que constituem as agendas dos diferentes congressos.

Quadro 3. Caracterização dos órgãos da APS: presidente, total de membros e percentagem de mulheres

Período	Presidente da Direcção	Total	Mulheres (%)
1986-1988	João Ferreira de Almeida	5	20,0
1988-1990	João Ferreira de Almeida	21	23,8
1990-1992	José Madureira Pinto	23	21,7
1992-1994	José Madureira Pinto	25	28,0
1994-1996	Ana Nunes de Almeida	29	24,1
1996-1998	Ana Nunes de Almeida	31	29,0
1998-2000	Carlos Fortuna	27	37,0
2000-2002	Carlos Fortuna	28	32,1
2002-2004	Anália Torres	35	40,0
2004-2006	Anália Torres	35	34,3
2006-2008	Luís Baptista	39	35,9

Fonte: APS

Em busca de dados que permitam tornar compreensível a discrepância de proporções referida, e atendendo ao perfil dos diplomados⁸ nas áreas das ciências sociais e do comportamento,⁹ é a superioridade numérica das mulheres, entre os autores das comunicações dos congressos e entre os sócios da APS, que se afigura mais compreensível, uma vez que são igualmente as mulheres que ali avultam (68,9% em

⁸ Na categoria de “diplomados” incluem-se todos graus e diplomas conferidos por estabelecimentos de ensino superior (desde que tenham duração igual ou superior a dois semestres e 60 ECTS ou 300 horas e sejam sujeitos).

⁹ Não se encontraram dados desagregados que permitissem uma análise centrada em exclusivo nas graduações em sociologia.

2005).¹⁰ No entanto, se para o mesmo ano filtrarmos o número de doutoramentos concluídos em sociologia,¹¹ essa proporção desce para os 52,1%. Outro dado inquietante é a reduzida proporção de mulheres a orientar teses de doutoramento em sociologia: apenas 23% entre as teses concluídas ou em curso até 2006 (Nico, 2007). Estes dados parecem revelar a existência de mecanismos que dificultam o prosseguimento de estudos por parte das mulheres, uma vez que, apesar da maior proporção destas com formação em sociologia, são ainda hoje os homens a protagonizar os percursos mais qualificados e as carreiras mais prestigiadas (Ruivo, 1986; Amâncio e Ávila, 1995; Santos, 2000; Araújo, 2008).

No entanto, para além dos constrangimentos enunciados, importa não menosprezar factores relacionados com os próprios marcadores temporais que a progressão profissional/académica implica. A tardia entrada das mulheres neste universo também contribui, certamente, para explicar a sua actual sub-representação nos cargos mais prestigiados (como o Conselho de Programa), pois muitas das trajectórias individuais destas sociólogas não são, ainda, suficientemente longas para lhes permitir aceder às posições dominantes no campo da sociologia em Portugal. Por outro lado, à medida que as sociólogas atingem os patamares mais elevados das suas carreiras profissionais, confrontam-se com a lotação de muitos dos cargos conferidores de prestígio e reconhecida notoriedade, ocupados essencialmente por investigadores do sexo masculino que as precederam.

¹⁰ Em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001100&Contexto=bd&selTab=tab2 (19/01/2007).

¹¹ Em: <http://www.estatisticas.gpeari.mctes.pt/index.php?idc=35> (19/01/2007).

III. O género como objecto de estudo

O I Congresso Português de Sociologia (Lisboa, 1988), “A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século”, não integrava nenhum painel dedicado ao género, o que, no entanto, não é indicativo da ausência do tema nos trabalhos apresentados. As comunicações que abordavam a temática incluíam-se, então, no painel dedicado à “Sociologia da Família”, denunciando a fase de prematuridade em que o desenvolvimento desta área de estudos – género – se encontrava (por comparação a outras como, por exemplo, a sociologia da informação, do conhecimento e da cultura, sociologia rural e urbana, sociologia do trabalho e das organizações)¹² e ilustrando o seu surgimento no quadro da sociologia da família. Quanto aos autores das comunicações deste painel, assinala-se uma distribuição equilibrada entre sexos (50% de mulheres, quadro 4), o que, dada a menor proporção de mulheres entre o total dos autores das comunicações (44%, quadro 2), indicia já a sua ligeira sobre-representação neste campo de estudos em particular.

Entre os protagonistas do I Congresso, especificamente dentro dos *women's studies*,¹³ regista-se aqui o contributo de Virgínia Ferreira¹⁴ com uma comunicação intitulada “O feminismo na pós-modernidade”, reveladora da influência dos estudos feministas no seu trabalho. Esta investigadora teve e tem um papel decisivo no desenvolvimento dos estudos sobre mulheres em Portugal, estando associada ao Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (CES), à Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM)¹⁵ e respectiva revista, *ex-aequo*.¹⁶ Apesar deste precioso contributo, este subcampo de estudos não adquiriu no contexto nacional a visibilidade alcançada em países como, por exemplo, a França, realidade que estará certamente associada à menor expressão dos movimentos

¹² Linhas temáticas que no I Congresso reuniam o maior número de comunicações.

¹³ Os estudos sobre mulheres inserem-se na sociologia do género, não lhe sendo equivalentes. Caracterizam-se por o seu objecto de estudo ser a mulher e nunca o homem, ainda que se problematizem as relações de desigualdade entre eles.

¹⁴ Esta investigadora não reconhece o potencial analítico do conceito “género”, optando nas suas pesquisas pelo indicador “sexo”.

¹⁵ Virgínia Ferreira ocupou o cargo de presidente entre 1999 e 2001.

¹⁶ Revista associada à APEM e que remete para a publicação de trabalhos, das mais diversas áreas científicas (especialmente as ciências sociais), que tenham como objecto de estudo as mulheres.

feministas. A nível epistemológico, a investigadora enquadra-se na “teoria crítica”¹⁷ (corrente que se afasta do “racionalismo crítico”,¹⁸ distintivo de instituições académicas como, por exemplo, o ISCTE).¹⁹ Este modo de “fazer sociologia” distingue-se, entre outras coisas, pela exaltação do “compromisso social” da ciência e reivindicação da “possibilidade de os cientistas se politizarem, não só como cidadãos, mas também como cientistas” (Santos, 1978: 47). Neste sentido, são-lhe reconhecidas acérrimas críticas ao trabalho de Bourdieu,²⁰ uma vez que a sua obra (em particular *A Dominação Masculina*), ao contrário de contribuir activamente para a desconstrução das desigualdades entre os sexos, segundo Virgínia Ferreira, reproduz e contribui para a *dominação masculina*.

Quanto à sociologia da família,²¹ encontramos já neste congresso a participação de quatro figuras que encabeçam hoje esta área de estudos: Marias das Dores Guerreiro (“Mulheres e relações familiares em Alfama”), Anália Torres (“Mulheres divorciadas: um contributo para o estudo dos processos de mudança na família”), Karin Wall (“Residência e sucessão na família camponesa do Baixo Minho”) e Ana Nunes de Almeida (“Perfis demográficos e modos de industrialização: o caso do Barreiro”). Estas investigadoras são responsáveis, em finais da década de 80, pela criação do Grupo de Estudos da Família (Gref), envolvido, até à actualidade, em cerca de 50 projectos de investigação, de âmbito nacional e internacional,²² concorrendo de forma exemplar para a consolidação deste campo de estudo.

Maria das Dores Guerreiro e Anália Torres estão associadas ao CIES-ISCTE e, por sua vez, Ana Nunes de Almeida e Karin Wall ao ICS, duas instituições que muito têm contribuído para o desenvolvimento da sociologia da família e, de forma mais ou

¹⁷ Cf. Santos (1999).

¹⁸ Cf. Pinto (2004).

¹⁹ Cf. Sedas Nunes (1988).

²⁰ “[...] *A Dominação Masculina* de Bourdieu seria recusada como tese de licenciatura, já que a primeira exigência de qualquer trabalho académico é mostrar que se conhece a literatura produzida pelo campo [...] a estratégia de Bourdieu é a deslegitimação dos estudos sobre as mulheres, a negação da sua cientificidade, ao não integrar os resultados da pesquisa e da teorização de muitas intelectuais no seu quadro analítico” (Ferreira, 2001: 18).

²¹ Faz-se referência a esta área de estudos uma vez que é neste painel que as comunicações que abordam a temática do género se incluem, reconhecendo-se, assim, as afinidades entre os objectos de estudo.

²² Fórum de Pesquisas CIES 2007, apresentações disponíveis em: <http://www.cies.iscte.pt/outras/forum.jsp> (17/01/2007).

menos directa, para a sociologia do género. As temáticas mais estudadas por estas cientistas, tendo em conta as investigações que têm realizado ao longo das suas já longas carreiras académicas, abordam sobretudo as mudanças nas estruturas familiares, conciliação entre vida familiar e vida profissional, família e género, interações e dinâmicas familiares, políticas de família e, mais recentemente, os idosos e as masculinidades. Se estas problemáticas são recorrentes nas instituições que aquelas cientistas integram, o mesmo não se adequa, por exemplo, ao Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (CES), onde a família surge frequentemente associada ao estudo das instituições públicas e políticas sociais.²³

O II Congresso Português de Sociologia (Lisboa, 1992), “Estruturas Sociais e Desenvolvimento”, tal como o primeiro, não contava com nenhum painel dedicado ao género e, mais uma vez, as comunicações em torno desta temática incluem-se no painel dedicado à “Família e Parentesco”, com cerca de 78% de mulheres a protagonizar os trabalhos aí apresentados. Se tivermos em conta a relação desta proporção com a percentagem de mulheres entre o total de oradores (apenas 42%, quadro 2), este valor regista neste congresso a maior disparidade observada (Δ 36%). Para além da já recorrente sobrerrepresentação enquanto autoras, as mulheres continuam objecto empírico exclusivo dos trabalhos que problematizam o género.

Entre os protagonistas do congresso, sublinha-se a participação de Lígia Amâncio, com uma comunicação associada à sua tese de doutoramento (“A articulação psicossociológica na análise das relações intergrupos”). Esta investigação tem a particularidade de inaugurar os estudos pós-graduados no subdomínio científico que se identifica como sociologia do género em Portugal,²⁴ explorando a desigualdade entre os sexos e a discriminação das mulheres em contexto laboral, temáticas que, como se verá, serão recorrentes ao longo de todos os congressos. Como o título da comunicação indica, esta investigadora encontra-se na fronteira disciplinar entre a sociologia e a psicologia. Sem que isso possa ser considerado um impedimento para a edificação da disciplina de sociologia enquanto campo de estudos independente e autónomo da psicologia, os seus contributos têm sido reconhecidos pela comunidade científica

²³ Refira-se a título ilustrativo o recente projecto do CES, “A acção do Ministério Público no acesso dos cidadãos ao direito e à justiça nos conflitos de família e do trabalho: um estudo de caso nos Tribunais de Coimbra” (2005-2007).

²⁴ Ver: http://www.estatisticas.gpeari.mctes.pt/?id_categoria=31&form=1 (21/12/2007).

nacional, o que se pode constatar através da sua constante presença nos Congressos de Sociologia (inclusive como membro do Conselho de Programa).

No painel dedicado à “Macro-sociologia do trabalho e do sistema económico”, encontramos o contributo de Virgínia Ferreira (“Padrões de segregação das mulheres no emprego: uma análise do caso português no quadro europeu”) e Luís Ferreira (“Estudos sobre discriminação no trabalho em função do sexo”), cujas comunicações incidem, tal como a anterior, sobre as desigualdades no trabalho. A primeira comunicação pode ser considerada um prenúncio da intensificação dos estudos comparativos entre países, especialmente os europeus (fenómeno certamente relacionado com a “recente” entrada de Portugal na, actual, União Europeia), e do surgimento de grandes redes de pesquisa internacionais. A título exemplar, e tendo em conta os potenciais contributos para a temática do género, refira-se a participação de investigadores e instituições portuguesas em projectos como o European Values Study (1990 – ICS), o International Social Survey Programme (1997 – ICS), o European Social Survey (2002 – ICS, ISCTE) e projectos de intervenção comunitária como o Expert Group on Gender and Employment (UC – 2007) que visa promover o papel das mulheres no desenvolvimento local e regional.

O especial interesse no estudo sobre as desigualdades de género em contexto laboral reflecte certamente o enquadramento socioeconómico em que emerge esta área de estudos, caracterizado pela progressiva e maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho, num país com uma das maiores taxas de mão-de-obra feminina da Europa.

O III Congresso Português de Sociologia (Lisboa, 1996), “Práticas e Processos da Mudança Social”, representa uma mudança de atitude face à sociologia do género, surgindo esta pela primeira vez, ao lado da família, a encabeçar um painel de comunicações (quadro 4), maioritariamente dedicadas à família, suas dinâmicas e mudanças, mas também aos estudos sobre desigualdades de género, identidades de género e o movimento feminista. Como nos congressos anteriores, é evidente a superioridade numérica das mulheres enquanto protagonistas das comunicações deste painel e enquanto objecto preferencial das pesquisas a que estas se reportam (81%, quadro 4).

Relativamente à sociologia do género, importa destacar a participação de Manuel Lisboa, Nelson Lourenço e Elza Maria Pais com uma comunicação sobre a “Violência contra as mulheres no quadro conjugal em Portugal”. Revelando alguma

consistência nas temáticas, estes investigadores estão hoje associados ao CesNova/Socinova,²⁵ centro de investigação onde se desenvolvem actualmente alguns projectos de investigação acerca da violência contra as mulheres, tema constante nos congressos.

Igualmente neste congresso surge o contributo de Helena Araújo, com a comunicação “As representações de estudantes (futuros professores) sobre a cidadania das mulheres”.²⁶ Esta socióloga sucedeu a Virgínia Ferreira na direcção da revista *ex-aequo* e na presidência da APEM e é membro do CIIE (Centro de Investigação e Intervenção Educativas),²⁷ onde desenvolve projectos que cruzam as temáticas da sexualidade e do género.

No IV Congresso Português de Sociologia (Coimbra, 2000), “Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos”, tal como no que o precedeu, o género surge mais uma vez ao lado da família num painel temático intitulado “Família, género e trajectos de vida”, com 26 comunicações, na sua maioria escritas por mulheres (74%, quadro 4). Ao aumento do número de comunicações corresponde uma diversificação de temas, embora se continue a destacar, no que toca ao género, a sua continuada articulação com a sociologia da família (em temas que tocam a redefinição dos papéis de género que a família engendra, a conciliação família-trabalho), o enfoque nas desigualdades de género (em particular observadas em contexto laboral), e violência doméstica. Mais uma vez, os homens continuam ausentes enquanto objecto de estudo.

Entre as oradoras sublinha-se a presença de Heloísa Perista, com duas comunicações: “Família, género e trajectórias de vida: uma questão de (usos do) tempo”²⁸ e “Percurso profissionais e mobilidades intereuropeias: a participação das mulheres investigadoras em programas de intercâmbio científico”,²⁹ que testemunham a proeminência dos estudos em torno das desigualdades no trabalho e da sobrecarga das mulheres na realização das tarefas domésticas. Esta investigadora integra actualmente o

²⁵ Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.

²⁶ Co-autoria de Cristina Rocha, Manuela Ferreira, Maria José Magalhães e Fernanda Martins.

²⁷ Centro de investigação associado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, onde decorre o projecto “Sexualidades, Juventude e Gravidez Adolescente a Noroeste de Portugal”.

²⁸ Co-autoria com Fátima Freitas e Sandra Maximiniano.

²⁹ Co-autoria com Isabel Baptista.

Centro de Estudos para a Intervenção Social (Cesis) e tem privilegiado a articulação entre género e desigualdades no trabalho, pobreza, imigração e envelhecimento.

Quanto ao V Congresso Português de Sociologia (Braga, 2004), “Sociedades Contemporâneas – Reflexividade e Acção”, constatamos que o género aparece, pela primeira vez, a encabeçar um painel temático autónomo face à sociologia da família, testemunhando assim a atenção que a disciplina começou a dedicar a este campo de estudo. Inédito é também o facto de este painel incluir uma mesa dedicada às masculinidades (moderada por Lígia Amâncio), indício do recente interesse que o tema suscitou na sociologia nacional e do surgimento dos homens enquanto objecto de estudo, ainda que sistematicamente sub-representados enquanto protagonistas das pesquisas. De resto, os temas abordados mantêm-se, mais ou menos, constantes e são eles: desigualdades entre géneros (especialmente no trabalho), violência doméstica e articulação família-género.

Das 22 comunicações que integravam o painel dedicado ao género, cerca de 70% têm a autoria de mulheres (quadro 4), destacando-se, desde já, entre elas, a presença de Helena Carreiras (“O olhar dos homens: resistências e cumplicidade nas respostas masculinas à integração de mulheres nas Forças Armadas”). A investigadora, como o nome da comunicação indica, destaca-se pelo continuado desenvolvimento de estudos em torno do género e das instituições militares, área a que inclusivamente dedicou a sua tese de doutoramento.³⁰

Pela voz de um homem surge-nos a comunicação, “Gigantes com pés de barro: sobre as ambiguidades que permeiam a (des)construção da masculinidade entre os clientes da prostituição transfronteiriça ibérica”, de Octávio Sacramento. Este trabalho resulta da sua colaboração num projecto de investigação, produto da parceria entre três universidades portuguesas,³¹ “Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira: Actores, Estruturas e Processos”, que para além das prostitutas também centra a investigação nos clientes e nas formas como estes constroem as suas identidades de género. Este

³⁰ Helena Carreiras (2004), “Gender and the military: a comparative study of the participation of women in the armed forces of western democracies”, tese de doutoramento, European University Institute, Florença.

³¹ Universidade do Minho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Universidade da Beira Interior.

investigador com formação em antropologia,³² a par de Lígia Amâncio, com formação de base em psicologia,³³ são exemplos dos frutos da interdisciplinaridade em torno dos estudos sobre os géneros.

Este congresso aponta, assim, para o surgimento do que se poderão chamar os *men's studies* e os *critical studies of men* (Wall, 2007), em Portugal. Nos primeiros, “os homens são sobretudo vistos na sua relação com o trabalho, reflectindo-se sobretudo sobre os modos como o patriarcado afecta negativamente os homens” e, nos segundos, o enfoque dá-se sobre os processos de produção das masculinidades e as transformações que ocorrem ao nível das identidades de género, desafiando-se concepções mais “tradicionais” de masculinidade (Wall, 2007: 23). Ao contrário do que acontece quando o objecto empírico é a mulher, os estudos sobre homens incidem especialmente sobre a construção das identidades de género e menos sobre as relações de poder e desigualdades intergéneros.

O VI Congresso Português de Sociologia (Lisboa, 2008), “Mundos Sociais: Saberes e Práticas”, volta a agregar num mesmo painel temático “Família e Género”. Apesar do retorno à promiscuidade na organização das temáticas, o número de comunicações aumentou substancialmente (de 47 – dedicadas ao género e à família – em 2004, para 59 comunicações em 2008), confirmando o aumento dos trabalhos em torno dos respectivos objectos de análise. Mais uma vez, já sem surpresa, são as mulheres as responsáveis pela autoria da maior parte das comunicações apresentadas (cerca de 82%, quadro 4), confirmando-se a *gendrificação* dos objectos de estudo eleitos pelos profissionais portugueses (Cunha, 2008).

Os objectos de estudo diversificam-se, mantendo-se a incidência sobre temas como a violência nas relações de género e as desigualdades no mercado de trabalho. A novidade surge na articulação entre género e velhice, ou género, família e saúde – temáticas que se destacam pelo elevado número de comunicações. Estes novos objectos acompanham as transformações demográficas que caracterizam o país, como é o caso do acelerado envelhecimento da população, do aumento da longevidade, e das políticas sociais com tal relacionadas.

³² Licenciatura em antropologia social e cultural (Universidade Nova de Lisboa) e mestrado em sociologia – área de especialização em sociologia da cultura e dos estilos de vida (Universidade do Minho).

³³ Bacharelato em psicologia (Universidade de Paris VII) e doutoramento em sociologia (ISCTE).

Os estudos das masculinidades aqui apresentados debruçam-se sobretudo sobre as reconfigurações relativas ao exercício da paternidade, revelando a contínua e estreita articulação entre a sociologia do género e a sociologia da família. A confirmá-lo refira-se, a título ilustrativo, a comunicação de Bernardo Coelho, intitulada “A paternidade como exercício: o ginásio como cenário improvável para a produção da paternidade”, ou de Cristina Lobo, ““Tu não és meu pai’: da parentalidade biológica à social”.

Para além desta lógica mais comum de associação entre género e trabalho, ou família, importa ainda referir o trabalho de Sandra Saleiro (“Propostas para o estudo da transexualidade e do transgénero em Portugal”), em que se problematiza a dicotomia feminino/masculino e se afirma a autonomia da sociologia do género face a outros campos de investigação.

Quadro 4. Total de comunicações incluídas em painéis temáticos dedicadas ao género e/ou família³⁴

Congresso	Comunicações (n)	Mulheres (%)	Nome do painel
I (1998)	12	50,0	Família
II (1992)	7	77,8	Família e parentesco
III (1996)	16	80,8	Família, género e afectos
IV (2000)	26	74,4	Família, género e trajectos de vida
V (2004)	22	69,7	Género
	25	75,7	Família
VI (2008)	59	82,1	Família e género

Fonte: APS

³⁴ Dada a “promiscuidade” na organização das temáticas optou-se por contabilizar quer as comunicações incluídas nos painéis dedicados ao género, quer nos painéis dedicadas à família, uma vez que, muitas vezes, é neste último painel que as comunicações que se debruçam sobre problemáticas do género se incluem.

IV. Notas conclusivas

Um olhar retrospectivo sobre os Congressos de Sociologia permite testemunhar: a) o exponencial crescimento e consolidação da disciplina durante as últimas duas décadas; b) a maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho, em particular a sua afirmação em carreiras científicas (ainda que de forma diferenciada relativamente aos homens; e paralelamente, c) o surgimento e as configurações que a sociologia do género tem assumido na produção científica nacional, seus produtos (sobretudo as desigualdades de género) e produtores (sobretudo mulheres).

O crescimento e consolidação da disciplina é manifesto, quer a partir do crescente número de profissionais com formação em sociologia envolvidos na sua realização, quer da diversificação dos objectos de estudo aí apresentados

Ao atender ao sexo dos actores envolvidos na produção dos congressos, nos órgãos da APS (associação responsável pela sua organização) e respectivos sócios, verificam-se algumas assimetrias na sua distribuição. Se, por um lado, desde 1996 as mulheres são indubitavelmente a maior parte dos autores das comunicações que constituem as agendas dos diferentes congressos e, por outro lado, desde 1992 a maior parte dos sócios da APS, verifica-se que, ao contrário, são invariavelmente os homens que mais avultam entre os membros dos órgãos da APS e dos Conselhos de Programa. Esta disparidade denuncia as continuadas dificuldades com que as mulheres se deparam quando se fala no acesso aos cargos mais prestigiantes; dificuldades recorrentemente referidas nos trabalhos apresentados nos congressos em análise.

Quanto à sociologia do género, como se verificou nos I e II Congressos, os trabalhos que se podem agrupar sob esta denominação aparecem inicialmente distribuídos pelos painéis dedicados à sociologia da família, denunciando a articulação que recorrentemente se faz entre as temáticas e o estado embrionário em que este campo de estudos se encontrava. Apenas a partir de 1996 a sociologia do género ganha visibilidade (no V e VI Congressos é já uma das temáticas mais expressivas) e alguma autonomia analítica, surgindo já anunciada nos painéis temáticos, ainda que, muitas vezes, partilhando o espaço com a sociologia da família. Coincidentemente, é também a partir desta data que o número de mulheres ultrapassa o número de homens a apresentar comunicações, deixando adivinhar a associação entre a crescente representação das

mulheres na comunidade científica e a intensificação do debate acerca das diferenças e desigualdades entre os géneros. No mesmo sentido, verifica-se que a maior parte das comunicações que constituem estes painéis (temáticas tradicionalmente associadas ao universo feminino) contam sobretudo com mulheres enquanto autoras e, simultaneamente, como seu objecto de estudo preferencial, indiciando uma diferenciação entre as temáticas que são alvo de atenção por parte dos sociólogos e das sociólogas.

Relativamente às temáticas que a sociologia do género mais tem trabalhado, deixa-se o retrato que as comunicações apresentadas, ao longo das duas décadas que balizam os congressos, permitem: a) recorrente articulação entre género e família, lugar por excelência de redefinição e negociação dos papéis de género; b) desigualdades entre géneros, particularmente aquelas que se produzem em contexto laboral, reflexo da maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho e consequente complexificação das relações entre homens e mulheres nestes contextos; c) questões relacionadas com a produção da violência nas relações entre os géneros. Quando os homens são constituídos como objecto de estudo, a produção das identidades de género e a parentalidade passam a ser o foco das atenções dos trabalhos apresentados: apenas a partir do V Congresso (2004) se apresentam as primeiras pesquisas sobre masculinidades. O reconhecimento e contestação social da desigualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como o surgimento de instituições públicas para fazer face a esse problema social, estarão com certeza relacionados com as temáticas que a sociologia do género mais tem estudado e a duradoura ausência dos homens e das masculinidades enquanto objecto de estudo. As instituições académicas e centros de investigação que ocupam o lugar de destaque na dinamização dos estudos de género, muitas vezes em associação com a sociologia da família, passando em retrospectiva os Congressos de Sociologia, são: o CIES-ISCTE e o ICS-UL (articulação família-género, conciliação família-trabalho, masculinidades); o CES-UC (*women's studies*, género-políticas sociais); o CesNova/SociNova (violência entre géneros) e o Cesis (desigualdades de género).

Desenham-se, assim, dois movimentos paralelos que se potenciam reciprocamente: a afirmação das mulheres *na* sociologia (maior número de mulheres com formação em sociologia) e *através* da sociologia (desenvolvimento da sociologia do género e especial incidência sobre problemáticas que focam as desigualdades de

género); no entanto, este processo não deixa de reproduzir o regime de género que configura o contexto societal em que a disciplina se move (diferenciação na distribuição dos sexos pelo campo).

É interessante verificar que a emergência da sociologia do género em Portugal, enquanto problemática teórica autónoma, resultou de uma oportunidade histórica favorecedora da sua constituição. Num campo dominado pelos profissionais de sexo masculino e por modos de problematização das desigualdades e relações sociais estranhos ao enfoque analítico da variável género, a sua tematização, por parte das mulheres, veio ocupar um espaço de teorização e investigação científica que estava por preencher. Pertencentes à categoria sexual dominada no plano social, as sociólogas que introduziram a variável género nesse campo da sociologia em Portugal procuraram afirmar uma perspectiva de entendimento científico da realidade até aí não accionada – e, neste sentido, as suas disposições sociais e condições de vida efectivas foram determinantes na configuração da sua sensibilidade e interesse sociológica(o). Todavia, essa hermenêutica que introduziram no campo da sociologia em Portugal serviu ela própria como um instrumento decisivo para a afirmação científica dessas profissionais. O surgimento da sociologia do género em Portugal veio, portanto, alargar a amplitude do espaço teórico e substantivo da disciplina, mas também a composição sexual dos seus profissionais.

Referências bibliográficas

- Almeida, Ana Nunes de (1986), “As mulheres e as ciências sociais: os sujeitos e os objectos de investigação”, *Análise Social*, vol. XXII, n.º 94, pp. 979-985. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553941U2wAW4su1Ih64BD0.pdf>
- Almeida, Ana Nunes de (1996), “Desafios para a mudança: actores, práticas e processos sociais (discurso de abertura do 3.º Congresso Português de Sociologia)”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 20, pp. 105-112. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/20/200.pdf>
- Almeida, João Ferreira de (1990), “Discurso do Exmo. Senhor Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia”, em APS, *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século: Actas do I Congresso Português de Sociologia*, vol. I, Lisboa, Editorial Fragmentos, pp. 15-22.
- Amâncio, Lígia (1989), *Factores Psicossociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho*, tese de doutoramento em Sociologia do Trabalho, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE.
- Amâncio, Lígia (2003), “O género no discurso das ciências sociais”, *Análise Social*, vol. XXXVIII, n.º 168, pp. 687-714. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791078B9rDE5id4Po89MU8.pdf>
- Amâncio, Lígia, e Patrícia Ávila (1995), “O género na ciência”, em Jorge Correia Jesuino (coord.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX*, Oeiras, Celta Editora.
- Andreu, Óscar Guasch (2003), “Ancianos, guerreros, efebos y afeminados: tipos ideales de masculinidades”, em Juan Blanco Lopés e José Maria Valcuende del Río (orgs.), *Hombres: La Construcción Cultural de las Masculinidades*, Madrid, Talasa, pp. 113-124.
- APS (1990), *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século: Actas do I Congresso Português de Sociologia* (vol. 1), Lisboa, Editorial Fragmentos.
- APS (1993), *Estruturas Sociais e Desenvolvimento: Actas do II Congresso Português de Sociologia* (vol. 2), Lisboa, Editorial Fragmentos.
- APS (1996), *Práticas e Processos da Mudança Social: Actas do III Congresso Português de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora (CD-ROM).
- APS (2000), *Sociedade Portuguesa – Passados Recentes Futuros Próximos: Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Universidade de Coimbra, APS. Disponível em: http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460a50b168fd1
- APS (2004), *Sociedades Contemporâneas – Reflexividade e Acção: Actas do V Congresso Português de Sociologia*, Braga, Universidade do Minho, APS. Disponível em: http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460d42061fd7a
- APS (2008), *VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais – Saberes e Práticas*, Lisboa, APS.
- Araújo, Emília (2008), “Mestrados em Portugal: tendências e modelos organizativos”, em *VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais – Saberes e Práticas*, Lisboa, APS.

- Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora.
- Carmo, Isabel do, e Lígia Amâncio (2004), *Vozes Insubmissas: A História das Mulheres e dos Homens Que Lutaram pela Igualdade dos Sexos Quando Era Crime Fazê-lo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Connell, R. W. (1987), *Gender & Power*, Stanford, Stanford University Press.
- Connell, R. W. (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.
- Cunha, Sandra (2008), “Quem estuda o quê em Portugal: uma análise da produção sociológica portuguesa numa perspectiva de género”, CIES *e-Working Paper* n.º 51/2008, Disponível em: http://cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP51_Cunha.pdf
- Ferreira, Virgínia (2001), “Estudos sobre as mulheres em Portugal: a construção de um novo campo científico”, *ex-aequo*, n.º 5, pp. 9-25.
- Ferreira, Virgínia (2004), *Relações Sociais de Sexo e Segregação do Emprego: Uma Análise da Feminização dos Escritórios em Portugal*, tese de doutoramento, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Joaquim, Teresa (2007), “Estudos sobre as mulheres ou ‘para onde vai este barco?’”, em Lígia Amâncio (org.), *O Longo Caminho das Mulheres: Feminismos 80 Anos Depois*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Lobo, Cristina (1996), “Os Congressos de Sociologia em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 20, pp. 113-130. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/20/201.pdf>
- Nico, Magda (2007), “Sociografia dos doutorados e doutorandos em sociologia em Portugal”, encontro “O Estado da Sociologia em Portugal: Formação, Investigação e Profissionalização”, Associação Portuguesa de Sociologia, 19 e 20 de Outubro de 2007, ISCTE, Lisboa (em breve disponível em www.aps.pt).
- Pinto, Madureira (1984), “Questões de metodologia sociológica (I)”, *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 1, pp. 5-42.
- Pinto, José Madureira (2004), “Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da sociologia em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 46, pp. 11-31. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/46/496.pdf>
- Pleck, Joseph H. (1995), “Men’s power with women, other men, and society: a men’s movement analysis”, em A. Michael Messner e Michael Kimmel, *Men’s Lives*, Boston, Allyn & Bacon, 3.ª ed., pp. 5-12.
- Ruivo, Beatriz (1986), “A mulher e o poder profissional: a mulher em actividades de investigação científica em Portugal”, *Análise Social*, vol. XXII, n.º 92-93, pp. 669-680. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553096C4aTIIsl6Fm24IF5.pdf>
- Santos, Boaventura de Sousa (1978), “Da sociologia da ciência à política científica”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 1, pp. 11-56. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/01/_Boaventura%20de%20Sousa%20Santos%20-%20Da%20Sociologia%20a%20Politica%20Cientifica.pdf

Santos, Boaventura de Sousa (1999), “Porque é tão difícil construir uma teoria crítica?”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 54, pp. 197-215. Disponível em:
<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/54/Boaventura%20de%20Sousa%20Santos%20-%20Porque%20e%20tao%20difícil%20construir%20uma%20teoria%20critica.pdf>

Santos, Gina Gaio dos (2000), “O género na ciência: o caso particular da Universidade do Minho”, em APS, *Sociedade Portuguesa – Passados Recentes Futuros Próximos: Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Universidade de Coimbra, APS. Disponível em:
http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460a50b168fd1

Sedas Nunes, Adérito (1988), “Histórias, uma história e a História: sobre a origem das modernas Ciências Sociais em Portugal”, *Análise Social*, vol. XXIV, nº 100, pp. 11-55. Disponível em:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223029252W8aVW7tu1Gu31FF0.pdf>

Vale de Almeida, Miguel (2000), *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século, 2.^a ed.

Wall, Karin (coord.) (2007), *A Produção da Vida Familiar no Masculino: Novos Papéis, Novas Identidades – Relatório Final*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.